



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis - FACC

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ANA CAROLINA MOREIRA FERREIRA

A CRISE DOS REFUGIADOS SÍRIOS: a realidade no estado do Rio de Janeiro

2018

A CRISE DOS REFUGIADOS SÍRIOS: a realidade no estado do Rio de Janeiro

Aluno: Ana Carolina Moreira Ferreira
DRE: 112209954

Orientador: Renato Nunes Bittencourt

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Administração da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis - FACC da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Rio de Janeiro
2018

A REALIDADE DOS REFUGIADOS SÍRIOS: a realidade no estado do Rio de Janeiro

Aluno: Ana Carolina Moreira Ferreira

DRE: 112209954

Orientador: Renato Nunes-Bittencourt

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO.

Prof. Renato Nunes Bittencourt

Avaliador

RIO DE JANEIRO
2018

*Dedico esse trabalho àqueles que enfrentam
tantas barreiras em busca de um futuro digno,
fugidos de uma cruel guerra de interesses.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e à minha irmã, que estiveram comigo nesses quase seis anos de faculdade. A jornada foi longa, mas valeu a pena.

Aos meus amigos de faculdade, não podendo esquecer-se de mencionar especialmente o Leonardo, que já se formou com louvor, e que está comigo desde o dia da nossa primeira confraternização de calouros.

Agradeço também aos meus amigos, padrinhos e todos os familiares que, de perto ou longe, acompanharam e torceram pelo meu sucesso. Vale aqui um agradecimento à Patrícia – coordenadora da comissão para o refugiado no Brasil – e uma querida amiga da minha família. Obrigada pelas ideias que tanto ajudaram nesse trabalho.

Quero agradecer à UFRJ, a minha casa por tantos anos, pois sem a chance do incrível programa de mobilidade internacional, jamais teria conhecido, me apaixonado e vivido tanto o tema desse trabalho.

Por último, mas não menos importante, ao Renato Nunes Bittencourt, meu orientador. Obrigada por ter comprado essa ideia de primeira. Além do Renato, professores incríveis foram cruciais para a minha formação e desenvolvimento do melhor indivíduo que posso ser. Obrigada, em especial, ao Zeca, ao Luciano, à Patrícia – que não está mais no quadro da UFRJ, mas foi de suma importância - e ao Luiz Moura.

“A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo” (Zygmunt Bauman)

A CRISE DOS REFUGIADOS SÍRIOS: A realidade no estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar as condições de integração local dos refugiados Sírios no estado do Rio de Janeiro, procurando compreender e explicar em até que nível o Plano Estadual de Políticas Públicas do Estado do Rio de Janeiro é capaz de fazer com que os refugiados se sintam parte da nossa sociedade, mas sem abdicar de sua cultura. O presente estudo confronta os cinco eixos temáticos da do Plano Estadual, sendo eles: *documentação, saúde, educação, moradia, emprego & renda e cultura* com as percepções do refugiado, passando por uma entrevista ponto a ponto. Além disso, este trabalho buscou trazer as ameaças do aumento do populismo de direita e extrema direita e as ameaças e retrocessos na questão dos refugiados e que vêm trazendo globalmente e sua iminente chegada ao Brasil. Ao fim do trabalho, foi possível mapear os acertos e os erros do Plano Estadual bem como os pontos em que são omissos. Foi possível, também, ver a ausência do Cáritas como suporte, mas foi possível ver o importante papel da sociedade civil no suporte ao refugiado, principalmente fomentando empreendedorismo e oferecendo oportunidades de emprego. E, por fim, conseguimos trazer os retrocessos já realizados pelo atual governo.

Palavras- chave: Crise, Refugiados, Síria.

ABSTRACT

This paper aims to bring to na academic research the conditions of local integration of the Syrian refugees in the state of Rio de Janeiro, seeking to understand and explain to what extent the State Public Policy Plan of the State of Rio de Janeiro is able to make refugees feel part of our society, but without giving up on their culture and identity. Through an interview, the present study confronts the five thematic axes of the State Plan, such as: *documentation, health, education, housing, employment & income and culture* with the perceptions of the refugee. In addition, this work sought to bring the threats of an increase in right-wing and extreme right-wing populism and the threats and setbacks in the issue of refugees that have brought them globally and their imminent arrival in Brazil.

At the end of the work, it was possible to map the good, the bad and the ugly of the State Plan as well as the points where the State omitted itself. It was also possible to see the absence of Caritas as supportive NGO, but it was possible to see the important role of civil society in supporting the refugee, mainly fostering entrepreneurship and offering employment opportunities. And, finally, we have been able to bring back the setbacks already made by the current government.

Key words: Crisis, Syria, Refugees

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Campo de refugiados em Moira, Grécia.....	11
Figura 2: A divisão da Síria	18
Figura 3: Refugiada Síria trabalhando.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição do entrevistado	33
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Comparativo da quantidade de refugiados	13
Gráfico 2: Distribuição dos refugiados	14
Gráfico 3: Origem e destino dos refugiados	20
Gráfico 4: Série histórica por país	21
Gráfico 5: Insegurança em relação ao refugiado	23
Gráfico 6: Refugiados no Brasil	26
Gráfico 7: Panorama por residência, origem e gênero	27
Gráfico 8: Percepção negativa em relação ao muçulmano	28

LISTAS DE ABREVIATURAS

ACNUR – Alto Comissariado da ONU para Refugiados

ONU – Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Apresentação do Problema	12
1.2 Relevância do Tema	13
1.3 Objetivos.....	14
1.3.1 Objetivo Geral.....	14
1.3.2 Objetivos Específicos.....	14
1.4 Delimitação do Tema	15
1.5 Etapas do Trabalho	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3 METODOLOGIA.....	30
3.1 Classificação da Pesquisa.....	30
3.1.1 Classificação Quanto aos Fins.....	30
3.1.2 Classificação Quanto aos Meios.....	30
3.2 Limitações do Método	31
3.3 Universo, Amostra e Sujeitos	31
3.4 Coleta e Tratamento dos Dados	32
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
5 CONCLUSÃO	
5.1 Considerações Finais	40
5.2 Sugestões para futuros trabalhos	41
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Refugiado, por definição no direito internacional, são aqueles que se encontram em situação tão insustentável no seu país de origem ou de residência, seja tanto por perseguição religiosa, política, nacionalidade, entre outros ou por conflito armado e que são levados, de forma involuntária, a atravessar fronteiras em busca de asilo dos Estados ou de acolhimento de organizações que existem para protegê-los (ONU, 1951).

A história do refúgio existe desde o início da sociedade. Porém, a crise vivida hoje é, certamente, a pior das últimas décadas. Os números alarmantes vêm em grande parte devido a Guerra Civil que vem devastando a Síria há cerca de 7 anos. O último estudo divulgado pelo Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR) em 2015 revelou que não só 21.3 milhões de pessoas são hoje refugiadas, mas que esse número também é um recorde. Cerca de 20% desse total são vindos da Síria. Além disso, 86% dos refugiados são recebidos por países em desenvolvimento – incluindo o Brasil – revelando um perigoso comportamento que será abordado mais a frente desse trabalho.

Infelizmente, ao chegar ao país acolhedor, a última coisa que encontram é refúgio. Em tantas vezes são alocados em campos em condições insalubres, sem a mínima estrutura, sem amparo das leis. Sofrem violências e preconceitos de todos os tipos. (STRICKLAND, 2017, p. 1) As crianças não tem acesso à escola, são forçadas a trabalhar e os empregos de adultos são de salário mínimo. As autorizações de residência os deixam em constante insegurança – afinal, não sabem se terão renovado direito de residir no país (AMNESTY, 2017, p.48)

Imagem 1: Campo de Refugiados em Moira, Grécia: “bem vindos à prisão”



Fonte: Al Jazeera, 2017

De acordo com Bauman (2016, p. 32), em sua publicação *Estranhos à Nossa Porta*, a crise que vivemos hoje dos refugiados é humana ou humanitária, já que a sua essência consiste na segregação entre eu e ele – nós e os outros.

Então, não podemos virar as costas para os refugiados, independentemente de sua origem, crença ou raça. Por mais que tentemos passar essa mensagem, a realidade é que cada vez mais os discursos de ódio vêm ganhando força e adeptos. Os crimes puramente por racismo vêm crescendo assustadoramente (BHATIA, 2017). Explica-se daí a importância do trabalho que aqui será desenvolvido.

1.1 Apresentação do Problema

O trabalho busca explicar a atual situação dos refugiados Sírios e da própria Síria, trazendo assuntos relacionados ao tema, tais quais: globalização, intolerância religiosa, o crescimento extrema direita e seus impactos na aceitação dos refugiados, geopolítica, entre outros.

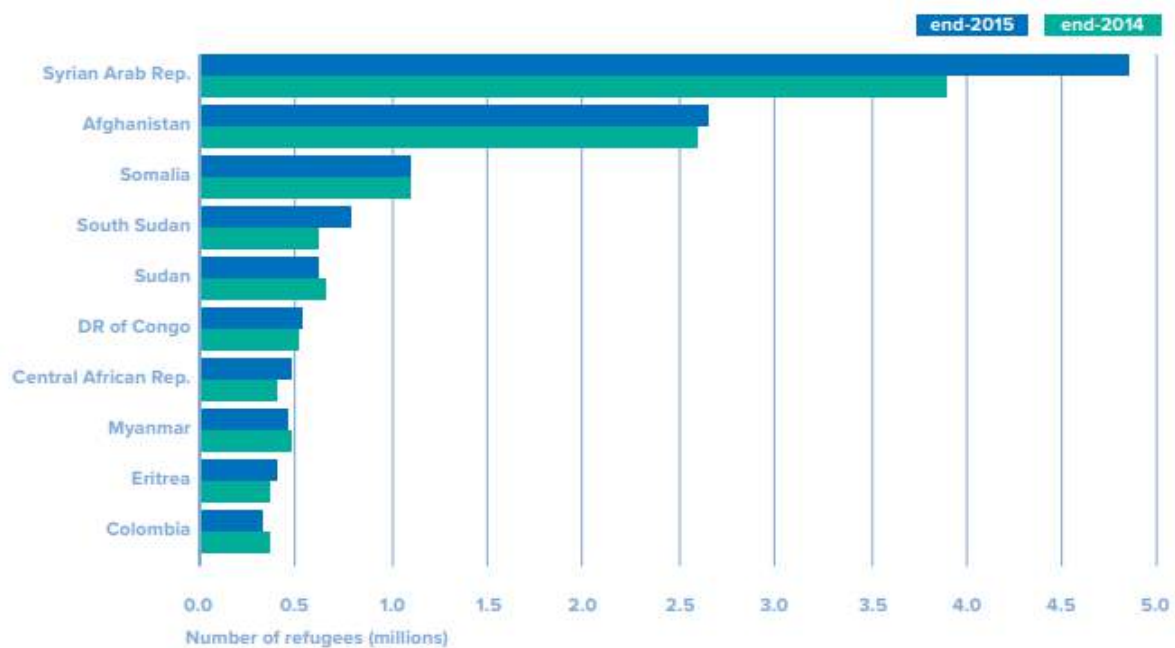
Um segundo objetivo é entender se esse comportamento de intolerância e descaso repete-se no Rio de Janeiro.

1.2 Relevância do Tema

A Crise dos Refugiados não tem data marcada, tampouco hora para acabar. Inclusive, o que vemos hoje é um aumento significativo, ano a ano, no aumento de número de pessoas sendo forçadas a sair de seus países para buscar qualquer esperança de sair da situação em que se encontram.

Atualmente, os dois maiores motivos de saída são a guerra civil, no caso dos três países que mais tiveram esse fluxo, em ordem: Síria, Afeganistão e Somália (GLOBAL, 2016, p.6), além do mais recente fluxo dos Rohingya, que já forçou o êxodo de 750 mil pessoas (GLOBAL, 2017, p. 19), uma minoria muçulmana, que historicamente sofrem perseguição e tortura, todas incentivadas pelo Estado. (ULLAH, 2011, p.4)

Gráfico 1 – Comparativo da quantidade de refugiados por país 2014 e 2015

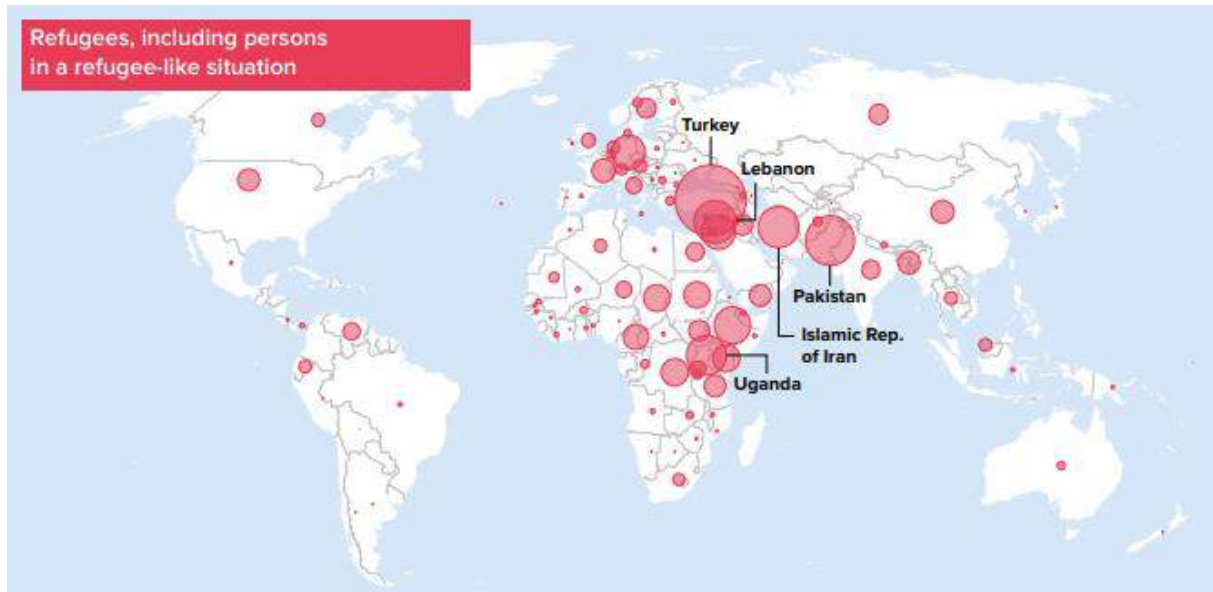


Fonte: ACNUR, 2016, p.142

Observa-se com o gráfico acima que a tendência é que a migração forçada continue aumentando vertiginosamente. O tema dos refugiados precisa continuar ser tratado e com urgência, apesar da sensação de anestesia provocada pela massificação do tópico na mídia (BAUMAN, 2015, p. 40), não podemos simplesmente esquecer e seguir como se fosse normal.

Apesar do grande número de refugiados sírios que vão aos países próximos, como Líbano e Turquia, há um enorme fluxo para a Europa e um grande fluxo que vêm ao Brasil. Claro que, se compararmos, é uma quantidade pequena, mas não ignorada.

Gráfico 2 – Distribuição atual dos refugiados globalmente



Fonte: ACNUR, 2017, p. 28

1.3 Objetivos

De acordo com Vergara (2003), os objetivos específicos devem seguir condizentes ao objetivo geral e se chegará ao atingimento do objetivo geral desde que os objetivos específicos sejam alcançados. Desta forma, optou-se por estabelecer da seguinte forma:

a) Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é analisar a realidade dos refugiados sírios e os fatores que influenciam sua aceitação no país de entrada. Por limitações geográficas e de tempo, a pesquisa aqui ficará limitada à cidade do Rio de Janeiro, por ter as políticas públicas mais bem definidas e por ser uma das maiores portas de entrada dos refugiados no país.

b) Objetivos Específicos

Para este trabalho, foram alinhados os objetivos específicos abaixo:

- i. Expor a situação dos refugiados no mundo;
- ii. Analisar o crescimento do populismo de direita e se há influência em como os refugiados são vistos;
- iii. Expor as políticas públicas no Rio de Janeiro;

1.4 Delimitação do tema

Apesar de explicar a situação dos refugiados no mundo, o foco do trabalho é trazer a realidade daqueles que chegam ao Rio de Janeiro, mais especificamente após 2011, ano de início da guerra da Síria. Naturalmente, só serão entrevistados e abordados aqueles que vieram da Síria.

1.5 Etapas do Trabalho

O capítulo a seguir irá contextualizar a situação dos refugiados sírios no mundo, explicando o passado, o presente e no capítulo final, buscaremos traçar um futuro.

A monografia está organizada em quatro capítulos: a introdução, o referencial teórico, monografia e análise dos dados colhidos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, iremos apresentar o contexto que levou à eclosão da crise dos refugiados de 2015, passando por um breve contexto da situação da Síria pré-guerra e os fatores que levaram à guerra, como a Primavera Árabe. Num primeiro momento, também será abordado o governo de Bashar Al-Assad e todos o jogo de xadrez geopolítico que envolve esta guerra.

Também será abordada a crise dos refugiados num geral, não limitado somente aos Sírios, mas todos os principais movimentos que ocorrem hoje. É importante trazer esse tópico, pois depois de alguns anos a Síria deixou de ser o maior fluxo de refugiados e passou a ser em Mianmar, com os Rohingya, minoria muçulmana.

Existem teorias que a crise dos refugiados é um dos maiores influenciadores para o aumento da extrema direita num âmbito principalmente europeu, então também analisaremos esse tópico, principalmente trazendo discursos de políticos e analisando à luz de Bauman. Relacionado a isso, também faremos uma breve análise da globalização e porque os refugiados mostraram que a globalização é um conceito tão contraditório.

Por fim, será dedicado a explicar o contexto no Brasil. A história do Brasil com os refugiados. Feito isso, finalmente chegaremos ao Rio de Janeiro, foco da nossa pesquisa, com o Plano de Atenção do Refugiado.

2.1 A guerra da Síria

Para entender a guerra, é necessário entender como a Síria é regida há anos. A Síria hoje é liderada pelo ditador Bashar Al-Assad, de minoria Alauíta, que assumiu o poder após a morte de seu pai. O cerceamento da liberdade civil e opressão à oposição podem ser considerados o *modus operandi* desse regime.

Os protestos contra Bashar acontecem, de fato, há anos. Porém, sempre rapidamente sufocados com algumas pequenas reformas, apenas para “aquietar” aqueles que tentavam fazer alguma mudança. (BHARDWAJ, 2012, p. 76). Em 2011, inspirados nas conquistas das revoluções da Primavera Árabe - um movimento revolucionário que ocorreu no norte da África e no Oriente médio que derrubaram ditaduras pelo norte da África - a juventude da Síria também buscou sua revolução, reivindicando um governo menos autoritário. Dado o histórico do regime, o conflito rapidamente foi respondido com sangue na mesma velocidade se tornou o mais mortal de todos dentro da Primavera Árabe, e um dos mais

sangrentos do século, que estende-se até hoje e ainda mantém Bashar Al-Assad no poder, alegando, inicialmente, que não passava de uma “conspiração internacional” para retirá-lo do poder.

Como você sabe, a Síria está passando por um estágio crítico [...]. Existe a conspiração. Existem as reformas e as necessidades. A conspiração sempre existiu enquanto a Síria agiu de forma independente e desde que tenha tomado suas decisões de uma forma que não agrada a muitas partes. E enquanto houver adversários ou inimigos, as conspirações são naturais ao nosso redor. É por isso que não devemos dar muita atenção a esse componente. (AL-ASSAD, 2011, p.1-2)

No meio disso, ainda houve a ascensão do Estado Islâmico do Iraque e Levante, um auto-proclamado califado, que chegou à Síria tomando territórios-chave como Aleppo e Palmira, onde ficou conhecido por destruir lugares com mais de cinco mil anos de história e também ficou conhecido por utilizar das redes sociais para espalhar suas mensagens de terror e ameaça, além de vídeos mostrando a brutalidade das execuções contra qualquer pessoa que não siga a Sharia, a lei islâmica. Nisso, foram executadas mulheres, homossexuais, católicos, entre outros. Hoje, o estado islâmico sofreu uma significativa derrota territorial, mas permanece ativo.

Em 2018, ainda segue a guerra civil da Síria, com um terrível acumulado de aproximadamente 500.000 mortos e 12 milhões de pessoas que tiveram que se retirar, forçadamente, de onde viviam. (AL JAZEERA, 2018, p.1) Antes, o que de um lado era o governo e do outro os rebeldes e os jihadistas, hoje é um enorme conflito que opõe as maiores nações do planeta.

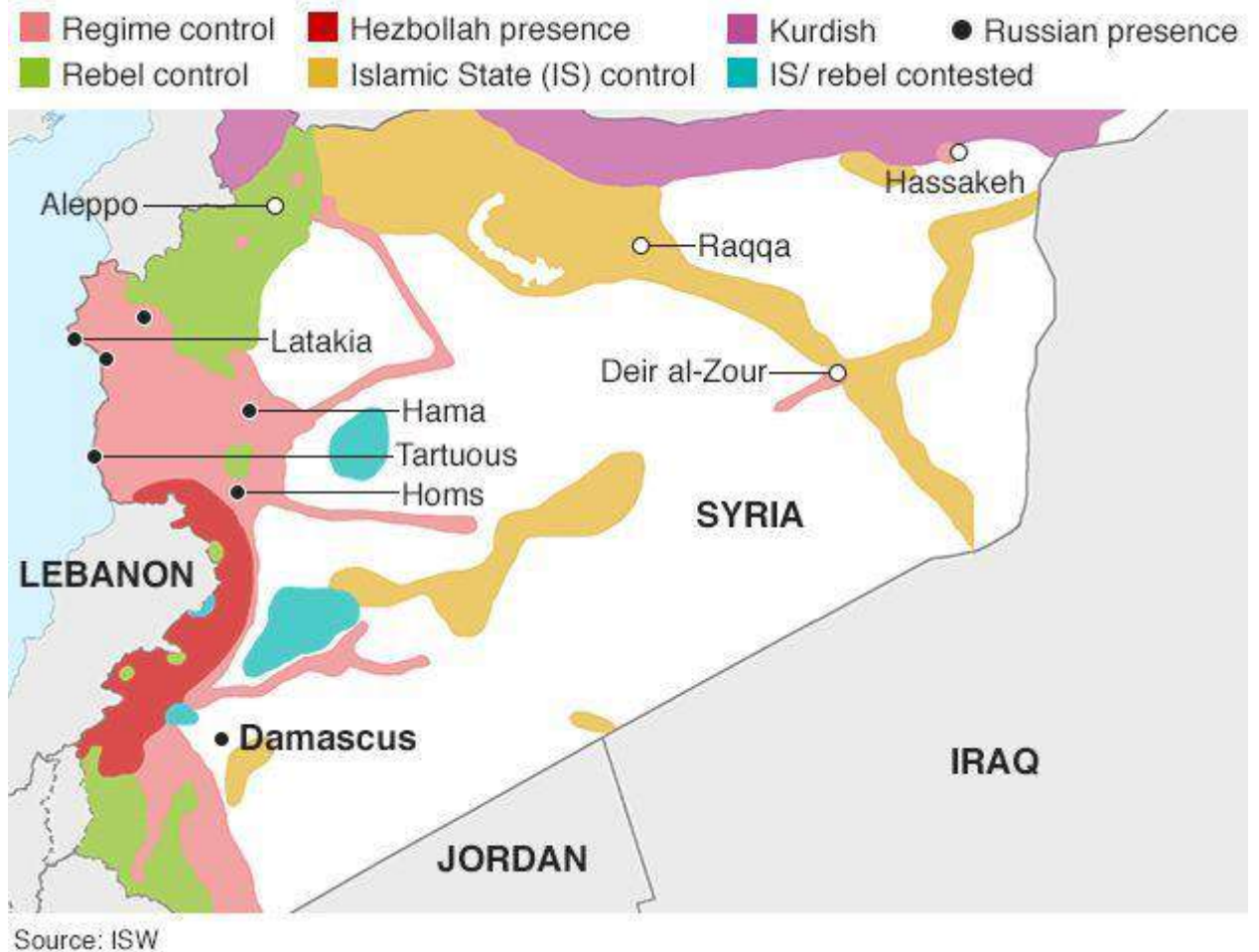
Atualmente, o conflito é dividido entre os apoiadores do regime, que são: Irã e Rússia. Ambos fornecem apoio militar, dinheiro e informações de inteligência. O que for necessário. Naturalmente, os interesses são diferentes.

Primeiramente, o Irã tem interesse em conter a influência dos Estados Unidos no Oriente Médio e seguir sua oposição a Arábia Saudita, que é contra o governo Al-Assad, pois a considera um regime pouco amigável. Já a Rússia busca se afastar do isolacionismo que se colocou após a anexação da Criméia. O único interesse em comum desses dois países é afastar a influência estadunidense do Oriente Médio.

Do outro lado, Estados Unidos, França, Alemanha, Israel, Turquia e Arábia Saudita são os maiores *players* contra o regime. Possuem seus interesses particulares nesta guerra e agem treinando grupos rebeldes e fornecem armas e também realizam seus próprios

ataques em locais chaves da Síria. O maior problema aqui é que foi exatamente assim que o Estado Islâmico se fortaleceu.

IMAGEM 2 – A divisão da Síria



Fonte: BBC, 2015, p. 3

Em suma, a guerra da Síria é um ponto geopolítico extremamente delicado. Nenhum dos países envolvidos pensam em ceder e tampouco Bashar Al-Assad tem intenção alguma de deixar o poder. Nessa briga de braço entre gigantes da economia, perde a população Síria, que se vê obrigada a deixar seu lar e tudo aquilo que possui de referência em suas vidas.

2.2 A crise dos refugiados no mundo

Desde o fim da segunda guerra mundial, não se via um fluxo tão grande de migrações forçadas pelo mundo. Ao fim da guerra, cerca de 40 milhões de pessoas estavam

deslocadas de suas origens e foi quando finalmente estabeleceu a criação de um corpo administrativo para a prestação de auxílio – a ANUAR (ACNUR, 2002, p.4).

Considerando que a ANUAR nunca foi vista com bons olhos pela potência da época – os Estados Unidos – ela acabou sendo rapidamente extinta, visto que o país que mais a apoiava financeiramente cortou esse financiamento. (MOREIRA, 2006, p. 5) e foi substituída pela OIR (Organização Internacional para o Refugiado), que também não foi pra frente.

Hoje, a maior referência global para o refugiado é a ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, criada em 1951 para substituir as tentativas frustradas da ANUAR e OIR. (LAVANCHY, 2006, p.9). Seu principal papel hoje é garantir os direitos humanos e combater situações que levem ao deslocamento forçado de indivíduos.

Concomitantemente, nasceu a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, um marco na história do refúgio, que finalmente concedeu uma definição abrangente e justa do que é um refugiado.

Para os fins da presente Convenção, o termo "refugiado" se aplicará a qualquer pessoa (...). Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (ACNUR, 1951, p.2)

Aos poucos, a história do refugiado começou a receber seu devido valor e hoje, apesar de todos os problemas, conta com uma enorme estrutura dedicada 24 horas por dia à esse assunto.

A crise que se passa hoje, diante de nossos olhos, ganhou força em 2015, quando existiu um aumento vertiginoso de pedidos de asilo principalmente na Europa. Apesar da queda dos números, essa crise está longe de acabar (TRILLING, 2018, p. 4)

Para melhor contextualização, esse tópico focará em trazer números e dados da crise mundial.

Segundo os dados mais recentes da ACNUR, em sua publicação *Global Trends: Forced Displacement in 2017*, cerca de 70 milhões de pessoas foram forçadamente retiradas de suas casas, como resultado da massiva violação dos direitos humanos,

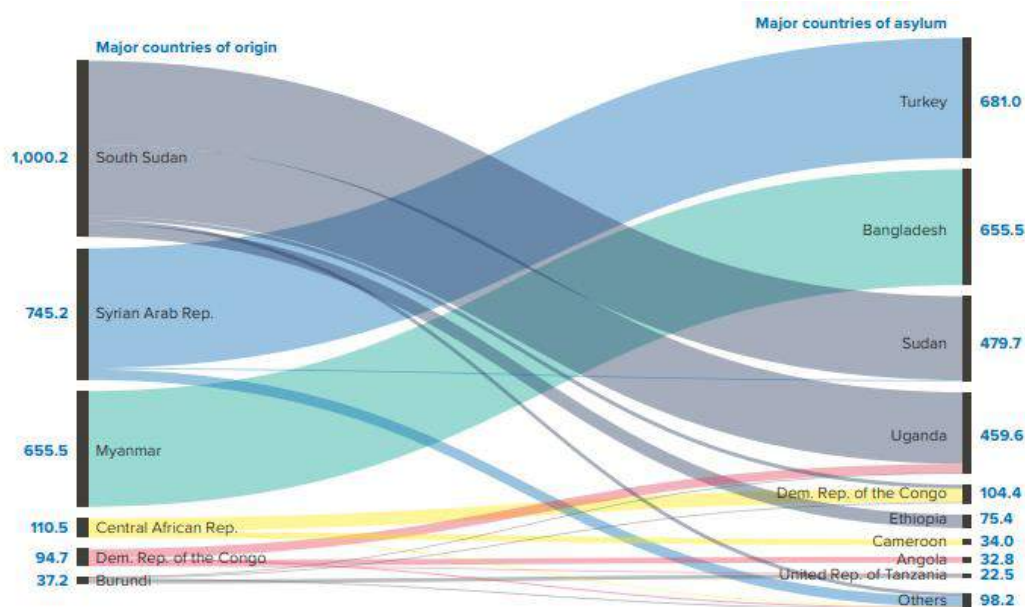
perseguições políticas e religiosas, violência e conflitos. Dessas 70 milhões de pessoas, cerca de 26 milhões são refugiadas, 40 milhões se deslocaram internamente e três milhões buscam asilo.

Soma-se a isso a incrível quantidade de 16 milhões de migrantes forçados que ocorreram somente no ano de 2017. São 45 mil pessoas por dia. (ACNUR, 2017, p.12)

15 milhões do total dos refugiados hoje são de apenas dez países, em ordem: Síria, Afeganistão, Sudão do Sul, Mianmar, Somália, Sudão, República Democrática do Congo, República Central Africana, Eritreia e Burundi. (ACNUR, 2017, p.10)

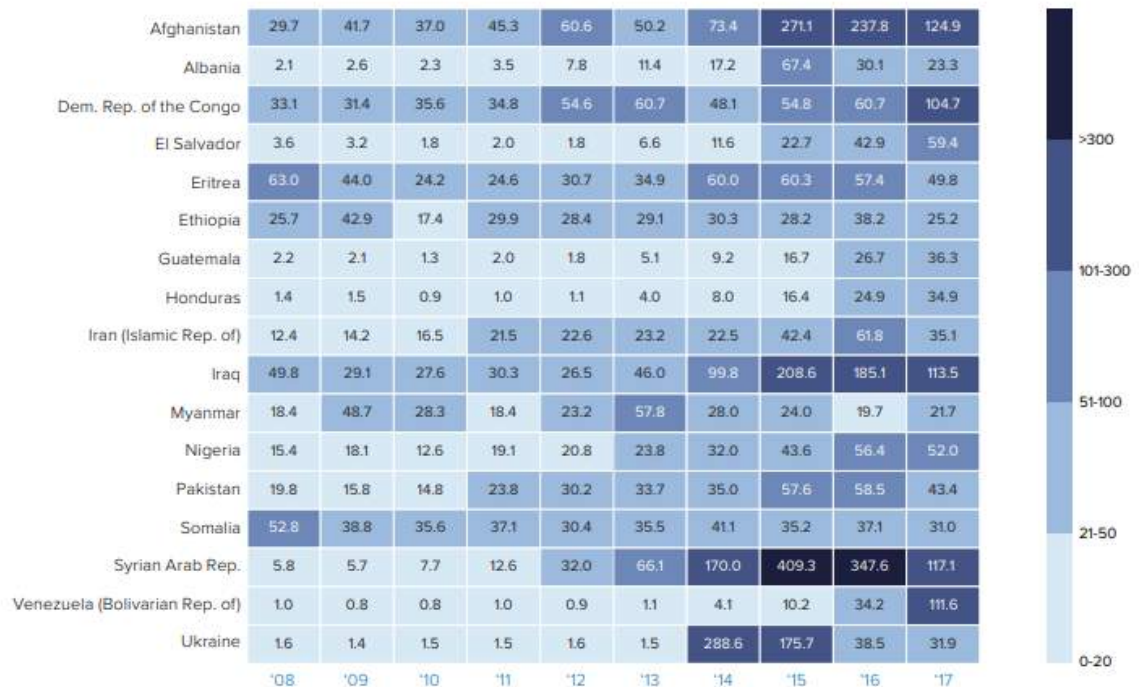
Todos os países acima, sem exceção, ou praticam atrocidades com suas minorias, como é o caso de Mianmar e a perseguição violenta contra os Rohingya (ACNUR, 2017, p.156), ou não fornecem condições mínimas de vida devido a violência, resultado de um caos descontrolado pós-colonização, como no Congo (ISHIZUKA, 2016, p.11), ou encontram-se em total estado de caos por causa de guerra, seja de independência ou civil, como no Sudão, Sudão do Sul (PINAUD, 2014, p.309) e Síria, entre tantos outros motivos.

Gráfico 3: comparação entre origem dos refugiados e destino destes



Fonte: ACNUR, 2017, p. 128

Gráfico 4: Série histórica de refugiados por país



Fonte: ACNUR, 2017, p.49

Podemos concluir que a história do refúgio talvez seja mais antiga do que podemos sequer imaginar, e apesar de tão antiga só recebeu uma estrutura dedicada a partir de 1951, a ACNUR. Infelizmente, após um breve período de calma, não nos falta prova alguma que humanidade vive outro ciclo violento, não aprendendo com erros e levando sociedades às mais graves consequências – a perda de seu lar.

2.3 A ascensão da direita e da extrema direita no mundo

Talvez hoje a maior prova do crescimento do populismo de direita seja a surpreendente vitória de Donald Trump nas últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos. Apesar da vitória ter sido um marco na direita, ela não foi nem de longe a primeira demonstração e prova de seu crescimento.

Marine Le Pen na França, o crescimento meteórico na Alemanha do partido de extrema direita, que nega o holocausto, a AfD (Alternative für Deutschland), a coalizão vencedora na Áustria entre Freiheitliche Partei Österreichs e Die neue Volkspartei, Matteo Salvini na Itália, Viktor Orban na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil. Todos esses são exemplos do perigo que o crescimento da direita no mundo e ameaça que estes representam na garantia dos direitos dos refugiados. (MOUFFE, 2018, p.1)

Para se manter, a direita precisa eleger um inimigo público para garantir que a população nunca irá se sentir segura. O ódio é uma forma de esconder aquilo que os políticos de direita não conseguem resolver. (BAUMAN, 2016, p.36). É mais fácil culpar o refugiado pela falta de emprego, pelo sobrecarregamento da saúde, pela violência e deterioração da qualidade de vida do que de fato resolver esses problemas em sua essência. Resolver esses problemas só geram resultados no longo prazo, e nenhum político quer isso em seu mandato tão curto.

A esse processo, Bauman brilhantemente traz o conceito de securitização, que é

[...] um truque para desviar a ansiedade, de problemas que os governos são incapazes de enfrentar (ou não tem muito interesse em fazê-lo), para outros, com os quais os governantes - diariamente e em milhares de telas - aparecem lidando com energia e (por vezes) com sucesso. Ou seja, se a população estiver entretida com o medo do terrorismo, por exemplo, não focará suas preocupações, nem reivindicará seus direitos de empregabilidade, saúde e educação (BAUMAN, 2016, p. 18)

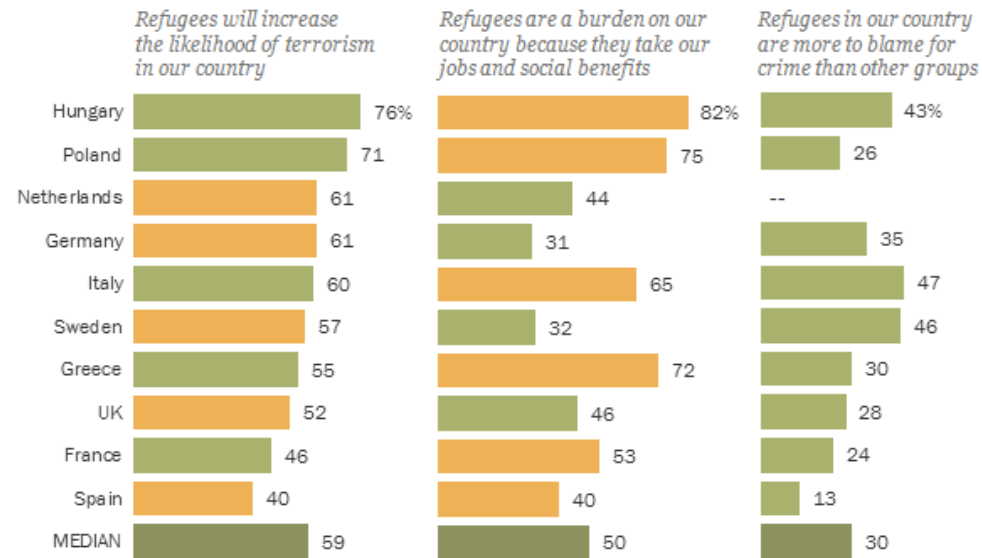
Ou seja, manter a população em constante alerta e medo de que algo iminente está para acontecer com sociedade ou simplesmente o “pânico moral” (BAUMAN, 2016, p.8) é a tática que por enquanto tem se revelado mais satisfatória para esses políticos.

E, infelizmente, seus esforços têm surtido efeitos. A pesquisa abaixo foi realizada com a intenção de medir o medo que a população local tem dos refugiados e do medo do aumento do terrorismo.

Gráfico 5: Pesquisa de sensação de insegurança em relação aos refugiados

Many Europeans concerned with security, economic repercussions of refugee crisis

■ Top choice



Note: Netherlands excluded on question about crime (Q51b) due to administrative error.

Source: Spring 2016 Global Attitudes Survey. Q51a-c.

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center, 2018, p.1

“Todos os terroristas são imigrantes”, disse Viktor Orban, presidente da Hungria, país pertencente à União Europeia com uma legislação sólida de apoio ao refugiado¹. Mesmo assim, ignorando todas as convenções da UE, Viktor Orban foi responsável por ordenar a construção de muros extremamente militarizados e fortificados na fronteira com a Sérvia, para garantir a não entrada de imigrantes e pior, atuar com extrema violência com aqueles que conseguiram passar. (GUARDIAN, 2015, p.2)

Organizar o status de asilo para um imigrante ilegal ou permitir que alguém que tenha entrado ilegalmente na Hungria para adquirir direitos de residência seja visto como facilitador da imigração ilegal, um crime passível de pena privativa de custódia de cinco a 90 dias (ORBAN, 2018)

Orban também trabalhou num projeto de lei para perseguir e prender qualquer um que ouse oferecer ajuda aos refugiados (GUARDIAN, 2015, p.1). Afinal, como ele disse para a Alemanha “você queriam os refugiados, não nós”.

Afastando-nos da Hungria, o governo de extrema direita da Dinamarca obrigou os refugiados a entregarem qualquer pertence de valor em sua posse (INDEPENDENT, 2015,

p.2); o partido AfD, primeiro partido de extrema direita a ocupar cadeira no parlamento alemão depois da queda do Reich, sugeriu uma lei de uma alteração à Lei de Residência da Alemanha que proibiria permanentemente os refugiados com status de “proteção” de trazer seus parentes próximos de países devastados pela guerra. (Deutsche Welle, 2017, p.1); Donald Trump, através do ICE, ordenou a separação de famílias de imigrantes de seus filhos, causando transtornos psicológicos possivelmente irreversíveis nessas crianças. Mais absurdo ainda, é que essas crianças devem se defender perante o juiz, sendo que muitas não passam sequer de 4 anos de idade. (JEWETT; LUTHRA, 2018, p.4)

Harry Leslie Smith, autor do livro “Não deixe meu passado ser seu futuro” (2017) , diz que esquecemos muito rápido de todas as atrocidades cometidas pelo extremismo de direita no passado e estamos deixando voltar a nos consumir. Não podemos voltar a sofrer da cegueira e da surdez moral relatada por Bauman (2016, p.12)

2.4 As contradições da globalização

A globalização pode ser considerada como qualquer mudança de viés econômico ou social capaz de impactar além-fronteiras. (RICHMOND, 2015, p. 1-4)

A escalada da crise dos Refugiados trouxe o verdadeiro rosto da globalização. Um fenômeno contraditório e segregador. De um lado, enquanto incentiva e em certo ponto exige a mobilidade entre países, por interesse dos detentores de capital em busca de mão de obra mais barata e qualificada, também fecha as portas para aqueles que buscam sair de uma situação econômica desfavorável em seus países de origem e também fecha a porta aos refugiados. (MARTINE, 2005, p.6)

As portas são fechadas porque os refugiados em muito dos casos não preenchem os padrões culturais impostos pelos países desenvolvidos, não seguem a mesma religião, não têm a mesma cor. Apesar de grande parte dos refugiados possuírem qualificação técnica suficiente (SATAR, 2012, p.40). A globalização é xenófoba em sua essência.

Essa desvalorização dos setores crescentes da economia tem sido incorporado em uma enorme transição demográfica em direção a uma crescente presença de mulheres, afro-americanos e imigrantes do Terceiro Mundo na força de trabalho urbana ... A globalização é um processo que gera espaços contraditórios, caracterizados por contestação, diferenças internas - cruzamentos contínuos de fronteira (SASSEN, 1998, p. 139)

E, talvez, a melhor forma de mostrar a contradição da globalização esteja nessa passagem de Sarah Collinson:

Enquanto os governos acham difícil responder às demandas por maior proteção contra importações estrangeiras e outros impactos do mercado global, eles acham menos difícil responder às exigências de restrições à entrada de pessoas estrangeiras, incluindo refugiados. Neste contexto - e em um momento de significativa e mais generalizada desterritorialização e difusão da autoridade estatal - o controle da imigração pode ser visto como símbolo, tanto para os públicos como para os governos, da importância contínua da territorialidade e estruturas de governança associadas. Embora o estado tenha perdido uma grande lidar de poder e autoridade para outros atores do sistema mundial, ele tem, em geral, mantido sua autoridade soberana sobre o movimento transnacional de pessoas. (COLLINSON, 2009, p.13)

A globalização trouxe o uso exacerbado de “dois pesos, duas medidas”, visto que enquanto governos perdem sua força e sua autoridade no âmbito econômico, tudo em nome do capital, mesmo assim continuam mantendo sua autoridade e sua incapacidade de trazer qualquer proteção ao refugiado, deixando em boa parte esse serviço em função de ONGs e outros agentes.

Na globalização, as fronteiras são as mais invisíveis já vistas, mas também as mais altas e poderosas. Em questão de minutos, somos capazes de enviar dinheiro do Japão ao Brasil; empresas difundem seu processo produtivo ao redor do globo. Mas, e para os refugiados que buscam apenas uma chance pra recomeçar? Para esses, as fronteiras nunca foram tão restritas como hoje.

2.5 A história entre o Brasil e os refugiados

A Secretaria Nacional de Justiça, através da lei 9474 de 1997 reconhece o refugiado como todo aquele que:

- I – devido a **fundados temores de perseguição** por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;
- II – não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, **em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;**
- III – devido a **grave e generalizada violação de direitos humanos**, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Essa lei, inclusive, é um dos grandes marcos na história do Brasil em relação à proteção ao refugiado e garantia de seus direitos. O nosso estatuto é inclusive considerado um dos mais avançados do mundo (ALMEIDA, 2015, p.7) e foi o pioneiro na América Latina.

Na verdade, a história do Brasil com o refugiado data desde antes de 1951, quando foi signatário da convenção da ONU, e recebendo em 1977 o primeiro escritório da ACNUR para

atender os cerca de 20 mil refugiados que chegaram de diversos países da América Latina (BOGUS, 2007, p.9). Com a queda da convenção e a chegada da convenção de Cartagena em 1984, o Brasil voltou a provar sua preocupação com o assunto. Sendo assim, também se tornou signatário logo após a queda da ditadura.

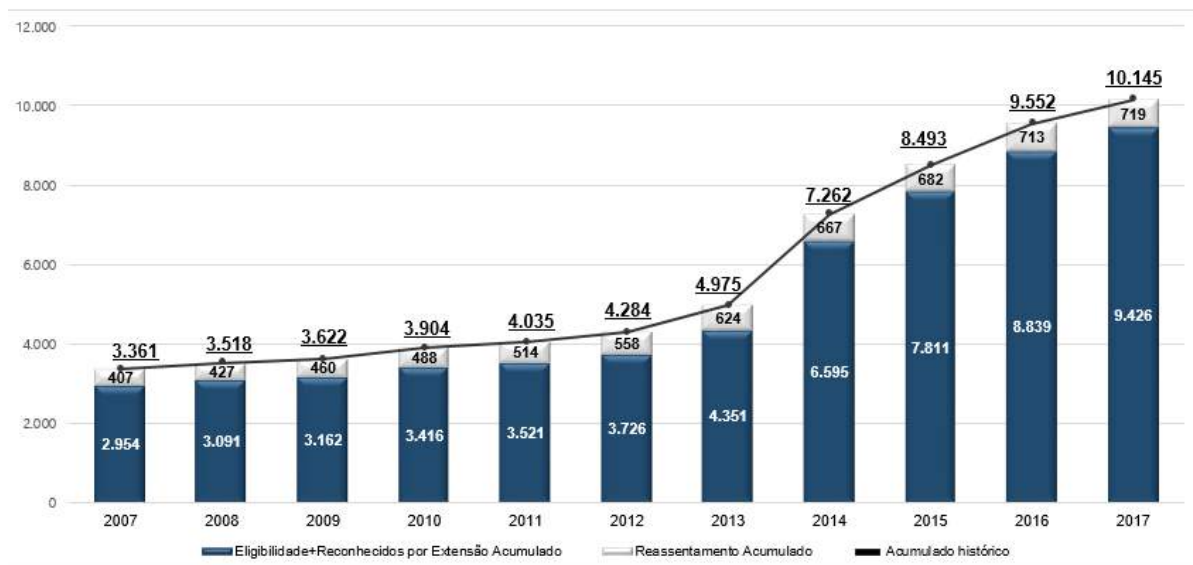
Hoje, nossa base é a Lei 9474, mais abrangente do que as convenções, e lei que estabeleceu a criação do CONARE – o Comitê Nacional para o Refugiado. O CONARE é constituído pelo Ministério da Justiça; Ministério das Relações Exteriores; Ministério do Trabalho; Ministério da Saúde; Ministério da Educação; Polícia Federal e Sociedade Civil. A ACNUR sempre será convidada, sem direito ao voto.

O Artigo 12 da Lei 9474 define as competências do CONARE, a seguir:

- I – analisar o pedido e declarar o reconhecimento, em primeira instância, da condição de refugiado;
- II – decidir a cessação, em primeira instância, ex officio ou mediante requerimento das autoridades competentes, da condição de refugiado;
- III – determinar a perda, em primeira instância, da condição de refugiado;
- IV – orientar e coordenar as ações necessárias à eficácia da proteção, assistência e apoio jurídico aos refugiados;
- V – aprovar instruções normativas esclarecedoras à execução da Lei nº 9.474/97.

Hoje, o Brasil é um dos principais portos de entrada de refugiados na América Latina, com cerca de onze mil refugiados e 86 mil casos pendentes de asilo. (ACNUR, 2017, p. 54) Já o Estado do Rio de Janeiro é o segundo maior acolhedor no país, onde 17% dos refugiados residem atualmente.

Gráfico 6: Refugiados reconhecidos pelo Estado Brasileiro



Fonte: CONARE, 2018

Desses refugiados, cerca de 70% são do gênero masculino e 30% são do gênero feminino

Gráfico 7: divisão dos refugiados por gênero, nacionalidade e residência



Fonte: CONARE, 2018

Por causa das restrições cada vez maiores das políticas de portas abertas da União Européia, o Brasil, a África do Sul e a Austrália acabaram por se tornar grandes portos de entrada de refugiadas (ACNUR). Aliás, de acordo com a própria ACNUR, 85% dos refugiados no mundo estão em países subdesenvolvidos.

Visto que os gráficos acima nos mostram que a chegada de refugiados vem aumentando numa linha praticamente exponencial, fica evidente a urgência de tratar esse assunto com cuidado e atenção.

2.6 Integração local

A integração local é percebida quando um refugiado passa a se conectar com a sociedade onde irá viver (BERTINO, 2014), mas sem perder suas origens e suas percepções de quem são, ou seja, mantém suas identidades e mesmo assim são acolhidos pela comunidade. Não se pode dizer que é uma integração local quando o refugiado para de identificar a sua própria cultura em detrimento da cultura da sociedade receptora, ou seja, é esperado que seja aceito da forma que é (CRISP, 2004).

Justamente por isso, um dos maiores desafios, após a entrada dos refugiados num novo país, é a sua integração. (ACNUR, 2017) É um processo extremamente complexo e delicado

para os dois lados, tanto de quem recebe como quem entra, e é natural que isso ocorra, mas é necessário que exista esforço por todas as partes, afinal, são idiomas, culturas, crenças e hábitos diferentes.

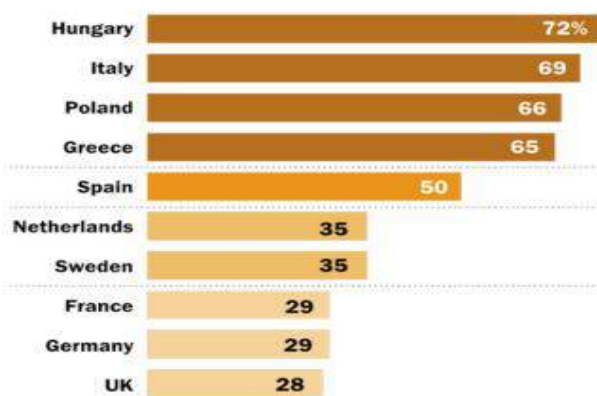
Como Bauman disse em seu livro *Estranhos à nossa porta*, busca-se criar um inimigo público a fim de manter a população em constante alerta, e hoje esse inimigo público são os muçulmanos, principalmente os vindos da Síria, por causa da associação que cria-se ao Estado Islâmico toda vez que esse assunto é trazido à tona. É fácil então identificar que a ignorância e o medo são os maiores empecilhos à integração Local.

Um estudo do Instituto de pesquisa Pew consegue nos provar essa tendência na Europa:

Gráfico 8: Percepção negativa em relação aos Muçulmanos na Europa oriental e sul

Views of Muslims more negative in eastern and southern Europe

Unfavorable view of Muslims in our country



Note: In Poland, question was asked of a subsample of 686 respondents.

Source: Spring 2016 Global Attitudes Survey, Q36c.

PEW RESEARCH CENTER

Fonte: Pew Research Center, 2018-11-05

No presente trabalho, buscaremos descobrir se esse comportamento repete-se no Brasil.

Aqui, a integração pública é, teoricamente, feita através de uma parceria do Estado com ONGs. Os maiores atuantes hoje são a Acnur e o Cáritas de acolhida, sendo a primeira pertencente à ONU e a segunda faz parte da Igreja Católica e ficou a cargo do Estado criar o CONARE - o Comitê Nacional para os Refugiados e o refugiado no Brasil recebe assistência de todas as instituições supracitadas.

O Brasil sempre foi um país muito ativo na questão do refugiado e sempre um pioneiro, especialmente ao assinar a convenção de Cartagena de 1984, que fez uma redefinição do conceito de refugiado e o tornou mais abrangente e mais flexível às datas, por exemplo, sendo

uma grande vitória. Infelizmente, com o novo governo, o Brasil retrocedeu um pouco e suspendeu as negociações com a Europa, que buscava receber refugiados sírios (FELLET, 2016, p.10-12), mas esse fato não é nem de perto suficiente para anular a bonita história do Brasil no apoio ao migrante forçado.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo iremos analisar as percepções de um refugiado Sírio em relação ao plano de apoio ao refugiado do Rio de Janeiro. Analisaremos aqui os cinco grandes pontos da lei e se são de fato aplicadas à realidade de um refugiado.

3.1 Tipos de Pesquisa Adotados

A presente pesquisa, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), será de caráter qualitativo, pois “(...) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”. E seguirá o modelo descritivo proposto por Gil (1999), já que nosso objetivo aqui é “a descrição das características de determinada população”.

O método descritivo então será utilizado para identificar a percepção da população de refugiados Sírios na cidade do Rio de Janeiro.

3.1.1 Quanto aos fins

A presente pesquisa é de caráter qualitativo e optamos por seguir pelo modelo descritivo, que segundo Gil (2008) "tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento na relação das variáveis.". A pesquisa expõe características de uma população, nesse caso a população refugiada Síria na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa não tem como objetivo explicar fenômenos que descreve, mas serve de base para explicações.

3.1.2 Quanto aos meios

A pesquisa de campo foi uma investigação empírica realizada no Rio de Janeiro, por meio de entrevista realizada pessoalmente com Sírios sobre suas percepções da aplicabilidade do programa de apoio ao refugiado do Rio de Janeiro, importância das organizações não governamentais e também sobre suas dificuldades de integração na sociedade. A entrevista consistiu em 6 grandes pontos – que são as 6 áreas de interesse do Plano Estadual. O maior princípio da entrevista foi garantir que nenhum ponto do passado seria abordado, visto que essa foi a maior barreira para o aceite por parte de outros refugiados e solicitantes de refúgio.

A pesquisa documental foi realizada em documentos disponibilizados no site do governo do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente o “Plano Estadual de Políticas de Atenção aos Refugiados”. Também foi realizada em documentos disponíveis no site da ACNUR, o documento “UNHCR – The 1951 Refugee Convention” e na mesma plataforma, o documento “UNHCR – Cartagena Declaration on Refugees”.

Por último, a pesquisa bibliográfica também será aplicada, pois boa parte deste trabalho se dedica à trazer dados e se utilizará de informações de livros, testes, artigos e dissertações relevantes ao assunto.

3.2 Limitações do Método

Grandes limitações foram encontradas no decorrer deste trabalho, mas de certo a maior dela foi encontrar um número satisfatório de entrevistas, tanto que conseguimos, após muito esforço, foi feita uma entrevista. Apesar disso, essa única entrevista foi extremamente satisfatória, e considerando uma pesquisa qualitativa, conseguimos atingir nosso objetivo.

Os refugiados não se sentem confortáveis em conceder entrevista para alguém estranho. Das pessoas contactadas para entrevista, cerca de 90% recusaram pois tinham receio de que o nosso objetivo seria trazer memórias de um passado traumático – o que não era nossa intenção, mas entendemos o receio e seguimos em frente. Outra barreira foi o idioma: um dos refugiados que aceitou, por exemplo, não falava português, tornando a tarefa de seguir com a entrevista quase impossível.

Após diversos contatos com as ONGs, recebemos uma negativa do Cáritas, mas em contrapartida, a ONG Abraço Cultural nos ajudou fazendo o intermédio com o nosso entrevistado.

A falta de estudos acadêmicos disponíveis para consulta foi outra limitação. Existem diversas publicações que trazem apenas números, pouco preocupando-se com a parte mais “humana” dos refugiados. O tema só ganhou relevância no Brasil a partir de 2015, então é natural que os estudos só comecem a aparecer por agora.

3.3 Coleta e Tratamento de Dados

A coleta de dados foi realizada a partir de uma entrevista com um refugiado Sírio localizado em Botafogo, no Rio de Janeiro. Os dados serão tratados a partir da colocação de reproduções desta entrevista no trabalho, pequenas partes delas surgindo no corpo principal

do trabalho e grandes reproduções surgindo no apêndice. As questões abertas também estarão no apêndice.

A entrevista ocorreu a partir de uma aceitação voluntária, sendo classificada então como amostra por conveniência, de acordo com Gil (2008). Foram realizadas perguntas abertas para que a coleta de opiniões fosse mais fácil, ou seja, o participante foi livre para responder (ou não) o que quisesse, com sua livre opinião, e nada que possa comprometê-lo será publicado neste trabalho, visto que o participante concordou em dar seu nome e alguns outros dados que são capazes de identificá-lo.

Importante apontar que nenhuma intervenção foi feita, nenhuma opinião minha foi adicionada e a entrevista correu por 30 minutos e foi realizada no Habonim Dror, em Botafogo, onde há um escritório do Abraço Cultural, ONG na qual o entrevistado trabalha como professor de Árabe. O entrevistado foi livre para recusar responder algumas perguntas, mas optou por não fazê-lo.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Perfil dos Respondentes

Para esse trabalho, foi entrevistado um refugiado da Síria.

Tabela 1: Perfil do entrevistado

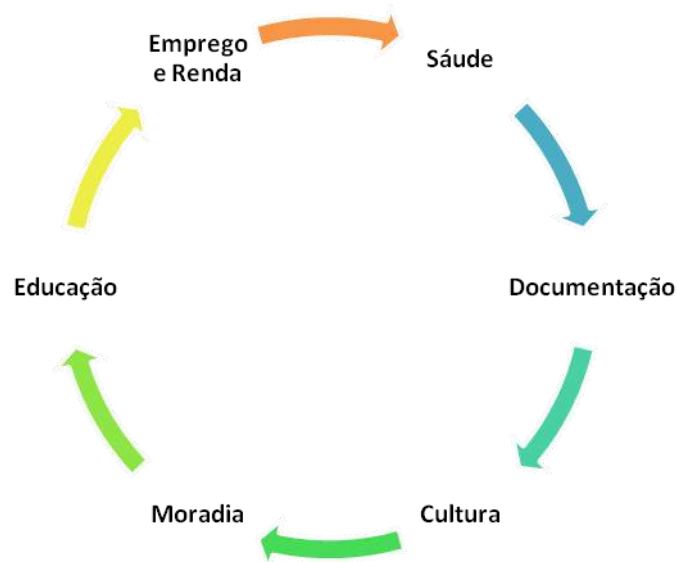
Nome	Idade	Sexo	Formação Acadêmica	Origem	Tempo no Brasil
Adel Bakkour	25	Masculino	Superior Incompleto	Aleppo	5 anos e 6 meses

É importante ressaltar que, apesar das diversas tentativas de entrevistar mais refugiados, foram encontradas muitas barreiras, seja do Cáritas ou dos próprios refugiados, que não se sentiram em posição confortável de conversar com alguém estranho. Muitos alegaram que não querem lembrar do passado.

4.2 Descrição dos Resultados

Serão analisados agora todos os dados que puderam ser retirados da entrevista.

Imagem 2: Eixos principais



Fonte: Elaboração Própria

De acordo com Castles (2002), Integração Local é o processo em que o refugiado passa a interagir com o seu novo meio social. Kuhlman (1991) adiciona à este conceito o fato de

que os refugiados mantêm suas identidades e conseguem se tornar parte da sociedade acolhedora.

Compreendendo que o processo de Integração Local jamais será completo sem a conquista dos eixos acima, optou-se então por fazer uma entrevista, confrontando os eixos temáticos do Plano Estadual de Políticas de Atenção aos Refugiados do Rio de Janeiro com as percepções desta pelo refugiado.

1) Documentação

Objetivos:

- Sensibilizar órgãos de segurança e da justiça acerca dos direitos dos(as) solicitantes de refúgio e dos(as) refugiados(as);
- Aperfeiçoar a qualidade do protocolo de solicitação de refúgio dotando-o de requisitos de segurança e nele incluindo dados qualitativos tais como “filiação” e “data de nascimento”;
- Articulação com a finalidade de alteração do Registro Nacional de Estrangeiro (RNE) substituindo o termo “refugiado” pela referência: “estrangeiro amparado pela Lei 9.474/97”;
- Fomentar a emissão do registro de nascimento das crianças solicitantes de refúgio que não possuam certidão de nascimento do país de origem, para garantir que elas possam desfrutar de todos os direitos humanos, incluindo acesso à educação e saúde.

De acordo com o entrevistado, a emissão de toda a documentação necessária para sua legalização foi feita de forma impecável pelas autoridades, tendo seu Registro Nacional de Estrangeiro emitido apenas seis meses após sua chegada. Foi tudo esclarecido de pronto e houve o auxílio de todas as autoridades envolvidas no processo de obtenção de sua documentação.

Mas acontece que o caso da Síria é reconhecido, eu não preciso provar muito. Mas imagino que para outras nacionalidades seja mais complicado. Quando falamos que somos da Síria, a associação é muito rápida.

(Entrevistado)

É importante ressaltar que sua chegada foi antes do início da grande crise dos refugiados de 2015, e o entrevistado relata que hoje seus colegas demoram cerca de dois anos para conquistar seu principal direito dentro do país.

A questão é que eu cheguei há cinco anos e meio. Não tinham nem dez refugiados na fila para a documentação. Os meus amigos que chegam hoje demoram até dois anos, e precisam correr atrás. A ACNUR não dá a mínima, o Cáritas também não liga
(Entrevistado)

Os principais objetivos do eixo “Documentação” foram cumpridos de forma eficiente, e o primeiro passo para a Integração Local pode então ser considerada de sucesso. Só que já é fato que hoje o processo é completamente diferente, tornando-se um enorme empecilho para os refugiados.

2) Saúde

Objetivos:

- Mapear, divulgar e orientar os serviços de saúde no Estado e Municípios, para facilitar o acesso e cuidado dos principais agravos físicos e psicossociais que acometem a população refugiada.

Se considerarmos apenas o objetivo para classificar o acesso à saúde como eficiente ou não, certamente seria ineficiente, visto que nenhuns dos serviços acima foram oferecidos ou divulgados para o entrevistado.

No entanto, houve elogios ao SUS visto que em momento algum atendimento foi negado ao entrevistado ou à sua família, especialmente quando sua mãe teve câncer, e sempre que foi necessário, foi bem recebido e prontamente atendido.

Olha, eu acho que o atendimento foi igual ao que seria para um brasileiro. O que eu passei um brasileiro também passaria. Eles trabalham, eles queriam me ajudar. O único problema é que o governo impõe muitos limites.

(Entrevistado)

3) Educação

Objetivos:

- Promover os esforços necessários ao acesso à educação tal qual assegura a legislação internacional e brasileira;
- Estudar e promover prática de integração local de refugiados(as) nas escolas e outros espaços educativos;

- Pesquisar e articular a inserção de refugiados(as) em espaços educativos e de formação que fomentem em médio prazo a auto-suficiência dos refugiados(as);
- Utilizar espaços educativos como veiculadores de informação sobre a condição dos(as) refugiados(as) no Rio de Janeiro e no Brasil.
- Apresentar sugestões ao Conselho Nacional de Educação (MEC) e às instituições de Ensino Superior para viabilizar o processo de revalidação de diplomas de acordo com a Resolução nº 1 CNE/CES de 28 de janeiro de 2002.

É complicado mensurar o tópico “Educação” apenas pela visão do refugiado, visto que alguns objetivos não estão direcionados tendo o refugiado como consumidor final. Para os objetivos que visam somente o refugiado, foi observado que atenderam o entrevistado.

Não tive problema algum em ter acesso à educação pública. Eu traduzi meus documentos, pois passei para química em Aleppo, tive meu diploma de Ensino Médio validado. Fui à Reitoria e fui aceito. Não tive problema algum. Conheço famílias que colocaram seus filhos em escolas e nunca houve problema algum para matriculá-las.

(Entrevistado)

4) Moradia

Objetivos:

- Mapear e buscar a inclusão de refugiados(as) em políticas de moradia de baixo custo;
- Ampliar os serviços existentes de acolhida e abrigo para refugiados(as) e solicitantes de refúgio.
- Articular a inclusão de refugiados(as) nas políticas de concessão de crédito destinadas à aquisição, construção e reforma de moradia;
- Promover a criação de um auxílio moradia (aluguel social), por tempo determinado, para refugiados(as).

Aqui começam a revelar as mais diversas falhas do Estado. Nenhuma ONG, ninguém do poder público ofereceu acomodação.

O que eles não percebem é que com um teto, eu me viro. Eu conquisto o que precisar. Mas assim eles conseguiram auxiliar. Há um padre que abriu a Igreja de São João Batista e somente assim o Cáritas age, enviando-os para lá. Muita gente vem sem conhecer ninguém.

E complementa:

A questão da moradia vem em primeiro lugar. Eu saio de um lugar que é a minha casa, e lá não é seguro. Eu preciso de uma casa para poder recomeçar. Se eu tenho um teto, eu posso passar fome. Sem um teto, não dá.

(Entrevistado)

5) Emprego e Renda

Objetivos:

- Promover esforços objetivando a inclusão dos(as) refugiados(as), e em alguns casos dos(as) solicitantes de refúgio, nos mesmos direitos, benefícios e auxílios assistenciais, previdenciários e trabalhistas dos nacionais, tais como Bolsa Família, entre outros.
- Disseminar informações a respeito das regras trabalhistas no país e no estado, de modo a eliminar o desconhecimento, o preconceito e minimizar restrições à inclusão laboral de refugiados(as) e solicitantes de refúgio.
- Fomentar a implementação de iniciativas que promovam a formação e a qualificação profissional de refugiados(as) para o mercado de trabalho nacional;
- Apoiar e incentivar iniciativas baseadas no associativismo, empreendedorismo e economia solidária envolvendo refugiados(as), bem como incentivar políticas de contratação em seu benefício.

Idem. Não houve apoio algum do Estado, de ONGs, de ninguém que é agente desse processo.

Eu cheguei a deixar meu currículo no Cáritas, mas fui ignorado. Tudo que eu consegui foi através de conhecidos.

(Entrevistado)

Porém, é preciso ressaltar que há um grande esforço de ONGs e da sociedade para fazer com que o Emprego exista. No Rio de Janeiro, há feiras onde os refugiados são os expositores de seus produtos. O entrevistado é professor na ONG Abraço Cultural, na qual todos os professores são refugiados. Felizmente, onde o Estado deixa de agir, a empatia humana age e traz oportunidades.

Imagem 3: Refugiada trabalhando numa feira em São Paulo



Fonte: Jornal da USP, 2018

6) Cultura

Objetivos:

- Promover um movimento de conscientização transversal (entre setores) e vertical (entre governo e sociedade) sobre o *caráter humanitário* das políticas de atenção aos(as) refugiados(as);
- Ampliar o conhecimento e a informação disponível à população em geral sobre a temática, bem como sobre as culturas e realidades experimentadas em seus países originários do refúgio;
- Promover iniciativas de aproximação entre brasileiros(as) e refugiados(as) por meio de projetos e espaços culturais de consumo e produção dos dois grupos em contínua interação,

Apesar de considerar este tópico o mais delicado, o entrevistado relatou que não houve muitos problemas para entender e viver a nossa cultura. Devemos considerar o viés de que ele já vive a cultura brasileira há anos, já que parte de sua família é brasileira.

Ele mesmo relata que entende as dificuldades dos recém-chegados.

Eu tenho amigos que são mais conservadores, eu entendo que seja difícil para eles viver num lugar onde você (especialmente a mulher) pode fazer o que quiser e ser o que quiser. Eles não aceitaram de primeira.

(Entrevistado)

Mas também traz algumas questões que são problemáticas do brasileiro: “alguns perguntaram por que eu quis sair da Síria”, relatou.

Para finalizar a entrevista, foi questionado sobre as perspectivas do futuro onde as chances de vitória de um governo de extrema direita:

Eu não sei se eu consigo falar muito, mas o atual governo não está ajudando. Existe uma política de dificultar a nossa chegada, a nossa estadia.

(Entrevistado)

4.3 Análise dos Resultados

Neste capítulo pode-se mostrar que o Plano de Atenção ao Refugiado do Estado do Rio de Janeiro acerta em diversos tópicos, porém falha e se omite em tópicos importantíssimos (moradia e emprego, como relatado pelo entrevistado). Jamais um processo de integração local será finalizado se o refugiado não interagir plenamente em todos os aspectos da sociedade, e o trabalho faz parte disso.

Porém, o Estado não é o único responsável por prover emprego para o refugiado, e isso deve partir de civis também. Entretanto, como fazer isso numa sociedade onde o racismo é enraizado e velado? (NUNES, 2006) E aí volta o dever do Estado em conscientizar e promover mais políticas públicas. Acaba tornando-se um ciclo em que ninguém quer ser o agente de mudança.

Em outro tópico, como é esperado dos governos de direita, para eles, a função na sociedade que o refugiado possui é a de “dar medo” – fazendo aqui uma alusão ao discurso de Bauman. O governo não legítimo atual já fez questão de mostrar que o refugiado não é bem vindo: seja suprimindo seus direitos de entrada¹, seja fechando fronteiras², e o próximo governo (a depender do resultado das eleições) já mostra muito

bem a que vem: é explícito o ódio pelos refugiados, ou, em outras palavras, a “escória do mundo”³.

Infelizmente, ao analisar tudo que foi dito, todas as tendências e a realidade, este trabalho não poderá traçar uma perspectiva otimista para a situação dos novos solicitantes de refúgio.

5. CONCLUSÃO

Infelizmente, o aumento dos poderes dos governos de direita vem tirando os direitos dos refugiados e aumentando a violência contra estes. No Brasil a história vem se repetindo, especialmente com os venezuelanos⁴.

Se junta a isso o racismo entranhando na cultura brasileira, a intolerância religiosa – como no notório caso de xenofobia e intolerância religiosa que ocorreu no ano passado em Copacabana, quando vendedor ambulante de salgados foi abordado com frases de cunho xenofóbico – que acaba por se tornar um empecilho para que muitos possam integrar-se localmente.

No mais, trabalhamos aqui com as políticas públicas exclusivamente do Rio de Janeiro, e concluímos que esta acerta em diversos pontos, mas falha e se omite em outros. Não só o Estado falha, mas como as ONGs (o principal agente aqui é o Cáritas – visto que a ACNUR fechou no Rio de Janeiro), seja por falta de recurso, seja por excesso de trabalho – por causa do aumento da chegada dos refugiados.

Conseguimos ver também que os pontos de Saúde e Educação estão muito mais desenvolvidos do que os de Moradia, Emprego e Cultura. O acesso é garantido, os agentes estão a par e não discriminam, os diplomas são validados e o acesso às Instituições de Ensino também. Nesse quesito, os problemas enfrentados pelos refugiados são os mesmos que os enfrentados pelos brasileiros (por exemplo, infraestrutura).

Já em Cultura, Moradia e Emprego, os refugiados têm que se virarem sozinhos (empreender em muitos casos, mas nem isso é estimulado pelo Estado), ou encontram suporte da sociedade – através de feiras e eventos, por exemplo, ou de ONGs que não o Cáritas (citamos o Abraço Cultural como exemplo).

Apesar dos direitos trabalhistas serem os mesmos, é prática comum, globalmente, explorá-los e deixá-los marginalizados, dado que muitos precisam de dinheiro e estão disposto ser mão de obra barata e sem direitos, e o naturalmente o patrão, que é opressor vai tirar vantagem disso. Além da xenofobia, que é um fator que pode justificar os 38% dos refugiados desempregados. (Rodrigues, 2017, p.1)

Fechamos este trabalho concluindo que há necessidades urgentes de revisão urgente do Plano de Atenção ao Refugiado, não submetendo todos os refugiados às mesmas condições – vistos que são provenientes de culturas e ambientes diferentes. Torna-se urgente e necessário trazer todos os agentes responsáveis pelas diretrizes deste Plano para revisarem tudo o que estão fazendo – que já se mostrou falho.

Finalizamos este trabalho com um último tópico: a marginalização leva ao radicalismo. A não integração local leva ao radicalismo. A xenofobia, o racismo, o ódio também. (LYON-PADILLA, 2015) Há anos somos um país que vive às margens dos grandes poderosos, e sabemos toda a exploração que isto nos causou. Não devemos repetir isto com qualquer ser humano, não podemos transformar isto parte da nossa natureza. Não devemos compactuar com discursos que limitam o refugiado à “escória do mundo”.

Para não compactuar com tais discursos, é preciso que nossos representantes sejam pessoas com visões humanistas, com foco no social, na integração, no bem estar. O discurso de ódio só gera ódio, só gera radicalização, tristeza.

O refugiado não é menos por ser diferente, por não obedecer nossos padrões (estipulados por quem?). O refugiado tampouco é diferente por não seguir a religião que se espera que ele siga no Brasil.

Por fim, este trabalho pede que não só o Estado pratique a empatia, mas que a sociedade inteira faça isto.

5.1 Sugestões para Futuros Trabalhos

Pela dificuldade de encontrar refugiados Sírios dispostos a falar e conceder uma entrevista, entende-se que este tema ainda tenha muito a ser explorado. O Refúgio no Brasil talvez seja tão antigo quanto a sua história e pouquíssimo material acadêmico sobre isso. Seria interessante encontrar mais material desse assunto no futuro, talvez algum que busque entender o porquê da escolha pelo Brasil, os conflitos culturais e religiosos (em maior escala, visto a limitação desse trabalho).

REFERÊNCIAS

(AUTOR DESCONHECIDO). Syria crisis: Where key countries stand. **Bbc**. Londres, p. 1-1. 30 out. 2015. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-23849587>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

ACNUR. Global Trends 2017. Genebra, 2017. Disponível em <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5b27be547/unhcr-global-trends-2017.html>>

ACNUR. Lei n. 9.474 de 22 de julho de 1997. In ACNUR; IMDH. Lei 9.474/97

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.197-215, nov. 2016. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2.pdf>>

BAUMAN, Zygmunt. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 120 p.

BRASIL. Lei Nº 5.889, De 8 De Junho De 1973. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5889.htm>. Acesso em 02 de Julho de 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Memorando de Entendimento. 2013. Disponível em: . Acesso em: 27 maio 2018.

BRASIL. Programa Nacional de Direitos Humanos I. 1996. Acesso em: 10.10.2018. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direitos-Humanos-no-Brasil/i-programa-nacional-de-direitos-humanos-pndh-1996.html>>

BRASIL. Programa Nacional de Direitos Humanos III. 2009. Disponível em: . Acesso em: 26 maio 2018.

CÁRITAS-RJ. Cartilha do Trabalhador Refugiado e Solicitante de Refúgio. Rio de Janeiro, 2016.

CÁRITAS-RJ. Centro de Acolhida aos Refugiados. Disponível em: <<http://caritas.org.br/projetos/programas-caritas/refugiados>>. Acesso em: 30 maio 2018.

CASTLES, Stephen; KORAC, Maja; VASTA, Ellie; VERTOVEC, Steven. Integration: mapping the field. London: Home Office Immigration Research and Statistics Service, 2002. Disponível em <
<http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20110218135832/http://rds.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs2/rdsolr2803.doc>>

CEIPAR. Plano Estadual de Políticas de Atenção aos(as) Refugiados(as). Rio de Janeiro, 2014

CONARE. Coletânea de Instrumentos de Proteção Internacional dos Refugiados.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Decreto n. 42.182 de 11 de dezembro de 2009. Disponível em: . Acesso em: 12 de outubro de 2018.

JOFFE, Josef. The right is rising and social democracy is dying across Europe – but why? **The Guardian**. Londres, p. 1-2. 29 set. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/sep/29/right-social-democracy-dying-europe-afd-far-right-germany>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

JUBILUT, Liliana Lyra. Enhancing refugees' integration: new initiatives in Brazil. *Forced Migration Review*, v. 35. 2010. p. 46-47. Disponível em <<https://www.fmreview.org/disability-and-displacement/liliana-lyra-jubilut>>

JUBILUT, Liliana Lyra. O Procedimento de Concessão de Refúgio no Brasil. ed. Ministério da Justiça. 18p. Disponível em <<http://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/o-procedimento-refugio-no-brasil.pdf>>

KUHLMAN, Tom. The Economic Integration of Refugees in Developing Countries: A Research Model. **Journal of Refugee Studies**, Oxford, v. 4, n. 1, 1991, p. 1-20. Disponível em <<https://academic.oup.com/jrs/article-abstract/4/1/1/1549071>>

MACIEL, Edgar. Chegada de refugiados faz xenofobia crescer mais de 600% no Brasil, mas nem 1% dos casos chega à Justiça. HUFFPOST Brasil. Junho de 2016. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2016/06/20/xenofobia-brasil-justica_n_10558742.html>. Acesso em 17 de outubro de 2018.

MOREIRA, Julia Bertino. Política Em Relação Aos Refugiados No Brasil (1947-2010). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2012. Disponível em <
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280962/1/Moreira_JuliaBertino_D.pdf>

RIBEIRO Jr., Valdir. Comitê Intersetorial para Refugiados retoma atividades no Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: . Acesso em: 18 de outubro de 2016. Disponível em <
<https://www.acnur.org/portugues/2014/04/25/comite-intersetorial-para-refugiados-retoma-as-atividades-no-rio-de-janeiro/>>

SANTOS, Janaina. Bauman e as migrações a partir da perspectiva dos direitos humanos. **Café Com Sociologia**, Rio de Janeiro, v. 6, p.404-414, jul. 2017. Disponível em <
<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/viewFile/812/pdf>>

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Nova Iorque: W. W. Norton, 2007

SILVA, Daniela Florêncio da. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **R. Bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p.163-170, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-3098a0001.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

SMITH, Harry Leslie. I'm nearly 100 years old, I saw the 1945 refugee crisis firsthand – and I need people to listen to my warning. **The Independent**. Londres, p. 1-2. 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/voices/refugee-crisis-hostile-environment-immigration-second-world-war-uk-trump-a8408046.html>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

STEINMAYR, Andreas. Did the Refugee Crisis Contribute to the Recent Rise of Far-Right Parties in Europe? **Dice Report**, [s.l.], v. 15, n. 4, p.24-27, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.cesifo-group.de/DocDL/dice-report-2017-4-steinmayr-december.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

VERGARA, S. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. 15. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

VERGARA, Sylvia Constant. Métodos de pesquisa em administração. Atlas, 2012.

WALKER, Shaun. No entry: Hungary's crackdown on helping refugees. **The Guardian**. Londres, p. 1-2. jun. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/jun/04/no-entry-hungarys-crackdown-on-helping-refugees>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

WIKE, Richard et al. Europeans Fear Wave of Refugees Will Mean More Terrorism, Fewer Jobs. **Pew Research Center**, [s.l.], jul. 2016. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/2016/07/11/europeans-fear-wave-of-refugees-will-mean-more-terrorism-fewer-jobs/>>. Acesso em: 22 jul. 2018.